

APRESENTAÇÃO

Para falar de mim, preciso começar falando que sou neta da dona Jane, mamãe Jane como eu a chamava, uma professora, normalista, formada em Parnaíba com muito empenho e dedicação, pois era a irmã mais velha e a que carregava a responsabilidade de cuidar e servir de exemplo para todos os outros irmãos.

Quando se casou com meu avô Raimundo, veio morar em Teresina e assumiu um cargo administrativo na transportadora da família, na qual trabalhou grande parte da vida e onde meu avô trabalha até hoje, todos os dias. Costumo dizer que apesar da troca de cargo, a alma de educadora nunca lhe abandonou, pois carregava o dom e o prazer em ensinar, portanto, me levava para passar todas as tardes com ela na agência, onde me ensinava os conteúdos e tarefas escolares, mas também as lições mais importantes que eu carregaria para toda a vida.

Não me recordo de ter convivido com pessoas com deficiência ao longo da minha vida escolar, mas me recordo de conviver, ainda criança, em razão das relações que minha avó Jane construía com todos da vizinhança que morávamos e onde também se localizava a agência. Lembro que ela estava sempre buscando contribuir e fazer a diferença na vida de outras pessoas, alfabetizava crianças da vizinhança durante o tempo livre, pois algumas tinham deficiência ou dificuldades de aprendizagem, mas sem falar nada, apenas com o exemplo, ela me ensinava a respeitar e a cuidar de todos sem distinção. Cresci apoiada por ela, ganhando uma caixa de chocolate à cada nota boa que eu tirava e ganhava incentivo especial quando demonstrava interesse pela leitura. Me tornei uma chocólatra incontrolável, mas uma leitora assídua também.

Ainda com 17 anos, optei por estudar Design de Moda, lembro de ter sido uma aluna bastante dedicada à graduação, mas ainda não sentia que aquele era o caminho que gostaria de seguir profissionalmente. Logo descobri que estava grávida e tranquei o curso para me dedicar e compreender aquele momento completamente inesperado que estava vivenciando.

Rafael nasceu quando eu tinha 18 anos, algo que até então eu nunca tinha imaginado vivenciar tão cedo, mas mesmo com todo cansaço e dificuldades que a maternidade traz, ainda mais tão jovem, se tornou minha ocupação favorita. E cuidar do Rafael modificou toda a minha vida, pensamentos e planos, ele foi (e ainda é) como uma luz que vai iluminando os caminhos que devo seguir.

Quando ele completou seis meses, resolvi voltar para a universidade, mas continuar o curso de Moda já não mais fazia sentido para mim. Queria estudar Pedagogia, pois eu poderia trabalhar diretamente com crianças que sempre foram minha grande paixão e, também, para me sentir apta a contribuir com a educação do Rafael pois por ser mãe de primeira viagem, me sentia despreparada.

Passar no ENEM foi um misto de felicidade com tristeza, lembro de chorar em todas as primeiras aulas com saudades do Rafael, isso quando não era necessário levá-lo comigo. Ele foi frequentador da UFPI, minhas colegas de curso foram grandes parceiras nesses dias difíceis e os professores extremamente compreensivos. Me encontrei no curso, sentia que tinha encontrado algo que eu realmente gostava, as leituras sobre desenvolvimento infantil se tornaram minhas preferidas, mas ao mesmo tempo, quanto mais eu aprendia, mais eu percebia que meu filho não estava alcançando aqueles marcos do desenvolvimento.

Antes dele completar dois anos, o levei para a fonoaudióloga, pois ele ainda não pronunciava nenhuma palavra, nem mesmo mamãe ou papai. Mesmo com suspeita de algum atraso, eu preferia acreditar que poderia ser algum problema auditivo, pois ele não respondia quando chamávamos e se recusava a interagir. Não demorou muito para a fonoaudióloga apresentar a possibilidade de TEA e começamos a trilhar a busca pelo diagnóstico que se confirmou quando ele completou 2 anos e 6 meses.

A rotina de terapias era (e ainda é) maçante, lidar com a negação e os julgamentos, até mesmo de familiares, também, mas não tanto quanto a pressão que eu mesma me colocava para estimulá-lo em todas as situações e da melhor forma possível. Passei a estudar e me interessar por tudo que envolvia TEA e sempre me aproximando mais da educação especial.

Estagiei em algumas escolas privadas e sempre me interessava pelo ensino de crianças com deficiência, e mesmo quando eu não entrava para ser Acompanhante Terapêutica, acabava me tornando, pois todos percebiam a proximidade e interesse que eu possuía.

Ao mesmo tempo, meu filho continuava apresentando dificuldades e a maioria eram sensoriais, e isso começou a refletir na aprendizagem dele, a ponto de não conseguir segurar o lápis, se recusar a participar de atividades que envolviam tinta e se isolar por não conseguir lidar com o barulho das outras crianças. Com a ajuda da Terapeuta Ocupacional que o acompanhava, explicávamos para as professoras que era sensorial, mas ainda assim elas sentiam muita dificuldade sobre como intervir em sala de aula e, até

mesmo, para entender do que se tratava. Foi quando surgiu a vontade de pesquisar e apresentei o tema no meu TCC, sobre as implicações do processamento sensorial na aprendizagem de crianças com TEA na perspectiva das professoras.

Conciliei, ainda durante a graduação, a especialização em Psicopedagogia e, assim que me formei, passei a atender crianças com TEA à domicílio e assumi uma turma do Maternal em uma escola particular, onde cada vez mais percebia a importância da criança explorar e vivenciar diversos estímulos durante o processo de ensino e aprendizagem escolar.

Dei continuidade ao tema através da presente dissertação, foram os anos mais conturbados da minha vida, de desafios constantes, tanto em âmbito pessoal quanto profissional. Mas também repletos de momentos positivos, como poder iniciar a prática psicopedagógica clínica. Independente do ambiente, domiciliar ou clínico, o questionário Perfil Sensorial (DUNN, 2017) sempre esteve presente nos meus atendimentos, em parceria com Terapeutas Ocupacionais que também compõem a equipe das crianças e adolescentes, ou de forma autônoma, pois acredito que a aprendizagem se torna mais significativa quando a criança consegue vivenciá-la de uma forma sensorialmente agradável e motivadora. Portanto, apresento este estudo, visando contribuir para que a área educacional busque contribuições em outras áreas que também são fundamentais para atingirmos o desenvolvimento infantil.